



**OS NOVOS SOBAS NO CONTEXTO MÍDIÁTICO NA
SOCIEDADE ANGOLANA: Estudo de um caso¹**

**THE NEW SOBES IN THE MEDIA CONTEXT IN
ANGOLAN SOCIETY: A Case Study.**

Bantu Mendonça Katchipwi Sayla²

Resumo: Por meio de inferências indutivas livres e criativas, o texto tomando como marco indiciário o vídeo intitulado “PRIMEIRO DAILY VLOG #1³”, em circulação no canal do YouTube, “proibido ver” de Ladilson Manuel (2016), o texto discorre sobre dois eixos temáticos interligados, nomeadamente os vínculos e contratos entre a cultura tradicional e a midiática no exercício do poder e da autoridade entre os indivíduos. As nossas inferências, partiram do pressuposto de que a cultura midiática estava ofertando aos angolanos uma ambiência sócio histórica nova, onde a esfera civilizacional, talvez fuja dos padrões tradicionais e se converta em uma esfera espectral e feita do impalpável, de descentralização do poder de fala. É a partir daí se crie uma ambiência onde ocorra a configuração de novas formas de exercer a autoridade e poder por meio da emergência de novos personagens que denominamos de os novos sobas.

Palavras-chave: Novos sobas; Autoridades Tradicionais; Mídia e Processos Sociais.

Abstract: Through free and creative inductive inferences, the text based on the video entitled “FIRST DAILY VLOG # 1”, in circulation on the YouTube channel, “prohibited to see” by Ladilson Manuel (2016), the text discusses two axes

¹ Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

² Doutor em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-graduação na Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo RS, katchipwi@gmail.com.

³ O vídeo pode ser acessado através do link <https://youtu.be/aPvn-bDebjs>.



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

interconnected themes, namely the links and contracts between traditional culture and the media in the exercise of power and authority between individuals. Our inferences started from the assumption that media culture was offering Angolans a new socio-historical ambience, where the civilizational sphere, perhaps escapes from traditional patterns and becomes a spectral sphere made of the impalpable, of decentralizing the power of speech. It is from there that an ambience is created where the configuration of new ways of exercising authority and power occurs through the emergence of new characters that we call the new sobas.

Keywords: New sobes; Traditional authorities; Mediatization.

No contexto sócio histórico midiático angolano, debruçar-se sobre os novos sobas no contexto midiático da sociedade angolana, julgamos de per si, tratar-se de uma pesquisa de caráter experimental de tessitura discursiva sinuosa e altamente complexa. Como tal, sem a pretensão de generalizar dados estatísticos nem testar hipóteses, o nosso objetivo foi tão-somente o de geração de proposições teóricas. Desta feita, este artigo pretendeu apontar pistas em vista a construção de inferências indutivas criativas livres e proposições hipotéticas que, poderiam ou não ser comprovados durante o processo da pesquisa de tese de doutorado em Ciências da Comunicação que estava em andamento na UNISINOS.

Para a geração dessas proposições teóricas recorremos a métodos de livre associação de ideias a partir do vídeo intitulado: “PRIMEIRO DAILY VLOG #1”. O vídeo de 9 minutos aproximadamente, está na categoria de pessoas e blogs com a licença padrão do *YouTube* e apresenta como trilha sonora a música: “*Tá Doce*” de Cef, Young Double, Lil Saint & Big Nelo (iTunes).

A nossa primeira inferência é de que o vídeo nos apresente o protagonismo de Ladilson Manuel, um adolescente angolano, residente na cidade de Luanda. Para além do seu canal do *YouTube* onde circula o vídeo, desde o dia 19 de abril de 2016 e contam com 6.856 inscritos o adolescente também possui contas no *Twitter*, *Facebook*,



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

no Instagram, e no Snapchat. À medida em que penetramos no interior do vídeo nos vamos apercebendo que, o adolescente se assume como protagonista não só do vídeo em si, mas perpassa por todos os papéis. Na produção do seu vídeo, o adolescente conta com a participação (colaboradores/ajudantes) dos seus amigos que fazem o papel de âncoras-repórter. Como Jornalista, apresentador e câmera man ele faz a abertura do vídeo em selfie dizendo: “sejam bem-vindos ao primeiro canal “Daily Vlog” do “Proibido Ver. Vim aqui acompanhar o meu puto Agel. Estamos na área. Temos uma gravação do só para saber do de graça de graça. Vim apanhar o Agel e o Anderson. Vamos fazer uma filmagem. Fiquem atentos”.

Figura 1. Imagem de Ladilson e seus amigos Andersom e Agel.



Fonte: Imagem retirada o vídeo PRIMEIRO DAILY VLOG #1, disponível em link <https://youtu.be/aPvn-bDebjs>.

Por meio de um discurso jornalístico, convida os tele internautas a acompanhar com atenção o conteúdo da sua filmagem. Acompanhando o vídeo, verificamos que ele começa em um bairro da periferia de Luanda, com características de “favela”, pobre, sem saneamento básico com as ruas esburacadas e cheias de água e lixo. As pessoas circulam e fazem a sua rotina diária tanto como comerciantes ambulantes, quanto clientes, taxistas e passageiros, trabalhadores e desempregados, estudantes e não estudantes. Podemos assim dizer que com marcas de um jornalismo crítico e social, o



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

adolescente inicia mostrando a realidade social, econômica, histórica e política não só do seu bairro, mas da cidade de Luanda e com a amplitude nacional. Atendo-se ao convite endereçado aos três amigos para participarem da filmagem e gravação do vídeo, e outro dirigido aos tele internautas, o vídeo parece conter dois convites à sociedade angolana. O primeiro pode ser para uma leitura crítica e satírica sobre os problemas das desigualdades sociais instaladas no país. E o segundo para uma mobilização consciente da sociedade, para a busca de alternativas na luta pela superação das crises através de um processo colaborativo e participativo. Isso, porém, exige um árduo trabalho, que implica enfrentar inúmeras barreiras, tais como os complexos de inferioridade por parte dos pobres e excluídos, e por outro lado os de superioridade pelos detentores de poder. E então, na tentativa de busca do reconhecimento, identidade e cidadania dos adolescentes, apropriando-se das lógicas dos usos dos dispositivos interacionais e das competências sócio-técnicas-discursivas próprias dos processos agonísticos da mídiatização, procuram, entre complexos tanto de inferioridade quanto de superioridade, descrever e reafirmar as duas realidades sociais em Angola.

As conclusões são frutos da interpretação do diálogo de Anderson reagindo às imagens capturadas por Ladilson, em que diz: “Não liguem o meu bairro tem bwé de água [...]. Não mostre isso [...] não! Isso é só um improviso. Editamos [...]. Esse bairro não é nosso. Só estamos a passar. É mentira!”. Não concordando com a situação social de pobreza e falta de saneamento básico, higiene. Agel reforça o desejo da não exposição: “Não mostre isso. Xé não mostre isso. Pocha. Não mostre este mambo”. O discurso desses adolescentes pode estar carregado de complexos de inferioridade. Mostrar a sua realidade social nas telinhas dos celulares, notebook, tablets e compartilhá-la nas redes sociais a partir de suas contas na Internet, significaria para eles uma realidade humilhante e desumana. Mas, Ladilson como jornalista amador, tem como preocupação fundante mostrar a situação factual. Por isso, sem emitir juízo moral, sobre o certo ou o errado, responde aos seus amigos afirmando: “vou mostrar o que é se é isso que tem”.



A partida, inferimos que, por meio dessas palavras, que talvez seu objetivo seja tão somente o de mostrar os fatos, tal como eles existem na realidade. Todavia, sob o ponto de vista ontológico, epistemológico e comunicacional essas palavras se revestem de uma tessitura que, faz apologia à uma arena de exercício e disputas de poder e autoridade. Nesta ordem de raciocínio, estávamos pleiteando a instauração de um processo, que baseados em observações e descrição de dados empíricos, nos auxiliassem na compreensão e construção de uma episteme, sobre o contexto histórico e cultural da sociedade angolana, marcado pelo choque entre uma cultura tradicional e cultura midiática emergente, orquestrada pela cultura midiática (TIC's). Parafraseando Sodré (2006), a cultura midiática oferte aos angolanos uma ambiência sócio histórica nova, onde a esfera civilizacional, talvez fuja dos padrões tradicionais e se converta na esfera espectral e feita do impalpável, de descentralização do poder de fala. Porém, se for verdade, como diz Durkheim (1995, p. 201), todas as nossas relações uns com os outros passam por “vínculos” e “contratos”.

Sob o ponto de vista antropológico, sobretudo, esses vínculos e contratos, quer por consanguinidade quer não, que nas sociedades, de uma forma dialética, são mantenedores da estrutura social (MIOTO, 1997). Por sua vez, Pierson (1970) compreende essa estrutura social como sendo constituída pelas nações, tribos e clãs, referindo-se aos grupos sociais cujas identidades são constituídas por grupos individuais, apesar das mudanças na sua composição. Por essas angulações passamos a definir a estrutura social como todas as interações sociais cujas arbitragens são perpetradas pelas autoridades tradicionais nas sociedades africanas. No contexto da Constituição angolana, sobretudo, no Artigo 224/99, essas autoridades são definidas como “entidades que personificam e exercem o poder no seio da respetiva organização política-comunitária tradicional, de acordo com os valores e normas consuetudinária e no respeito pela Constituição e pela lei”. Ou seja, a lei atribuí-lhes competências para a organização e o regime de controlo, da responsabilidade e do património das instituições do poder.



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

Para Florêncio (2010), a expressão “autoridades tradicionais” compreende os indivíduos e instituições de poder político que regulam a organização do modelo de produção social das sociedades tradicionais. Desse modo, não integram o conceito os indivíduos que detêm um poder mormente informal ou de influência no poder político como são os casos dos adivinhos, fazedores de chuvas, curandeiros e outros, uma vez que não participam na estrutura formal e institucional, na formulação de normas e decisões sobre a vida social da comunidade e seus membros.

Desta forma passamos a definir as autoridades tradicionais como pessoas coletivas de substrato cultural que se traduzem em estruturas organizativas forjadas ao longo dos tempos, pré-estatais, e emanam da realidade histórica, cultural, sociológica e antropológica típica de países do continente africano (Feijó, 2007). Esse conjunto é composto por 54 os países subdivididos em cinco regiões geográficas: África Meridional, África Central, África Setentrional, África Oriental e África Ocidental, destacamos Angola, um país, colonizado pelos portugueses e faz parte da África Subsaariana meridional. Segundo dados enciclopédia livre (2019), a sua população era estimada em 32 milhões de habitantes que têm como língua oficial o português, apesar de convive mutuamente com diversas outras línguas tradicionais locais. Territorialmente o país faz fronteira ao Norte e ao Nordeste com a República Democrática do Congo, ao Leste com a Zâmbia, ao Sul com a Namíbia e, ao Oeste o Oceano com o Oceano Atlântico.

Historicamente Angola era habitado desde a pré-história, mas só milhares de anos depois, na proto-história, instalaram-se os povos bochmanes, grandes caçadores, com estatura pigmoide e claros, de cor acastanhada. Por sua vez, no início do século VI d.C., os Bantu, povos de cor negra vindos do Norte da África, empreenderam uma grande e longa migração que perdurou por séculos e gerou diversos grupos, que se estabilizaram em etnias, as quais perduram até a atualidade. Os fluxos migratórios dos Bantu permitiram o desenvolvimento da tecnologia na cerâmica e na agricultura entre a população bochmanes, sobretudo, na fabricação de ferramentas e utensílios de materiais



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

variados, onde se destacavam as técnicas de metalurgia relacionadas ao ferro” (CARVALHO, 2011^a., p. 2).

O problema desse artigo se encontra nas interfaces entre os indivíduos e desses com a técnica. Ademais, para Luhmann (2005), no contexto mundial a “vontade de domínio que transforma literalmente o planeta, através da força da sua energia prática e do poder gigantesco dos seus processos técnicos, permitiu que a sociedades se transformassem em sociedades dos meios em consequência do ininterrupto ‘contato direto’ entre os indivíduos, pela presença da mídia. Intensifica-se a presença dos meios não apenas no âmbito do seu próprio território, mas também pelo processo de seu deslocamento e de sua expansão para outros campos. Suas operações são apropriadas como condições de produção para o funcionamento discursivo e simbólico de diferentes práticas sociais. Os meios já não podem ser mais entendidos como transportadores de sentidos, nem ‘espaços de interação entre produtores e receptores’, mas marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido (MATA, 1999) nas sociedades africanas sobretudo em Angola. Por outras palavras, produz-se uma nova “plataforma” social, uma nova realidade através da qual os indivíduos vão construindo a sua vida. Essa plataforma social estabelece uma zona de contato, com os demais campos sociais. Isso significa sustentar um discurso que coloque todos os campos estão em interação, não conformados por suas fronteiras, enquanto territórios estáticos. Mas a sua atividade predominantemente de caráter simbólico, suas práticas discursivas, movem-se instituindo processos, estratégias e disputas de sentido (RODRIGUES, 1999) entre os indivíduos.

Nas sociedades africanas, sobretudo em Angola, o papel regulador desses processos, estratégias e disputas de sentidos (contratos e vínculos sociais) vínculos é exercido pelas autoridades tradicionais os reis e os sobas. O problema que se levanta aqui é saber a quem caberá o exercício deste poder nas sociedades em vias de midiatização e dos fluxos interacionais adiante?

Antes de tudo sabemos saber que Angola é uma ex-colônia portuguesa de quem recebeu o nome, em função do “soberano do Reino do Ndongo”, cuja extensão



territorial localizada “entre os rios Kuanza e Lukaka que era a terra do Ngola” (CARVALHO 2011^a, p. 1).

Figura 2. Imagem do Reino do Ndongo.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=reino+do+ndongo+e+matamba&tbm=isch&ved=2ahUKewiol720xq3uAhWsBbkGH3ABuUQ2>

Porém, apesar de existir um rei, denominado Ngola, cujos poderes estavam vinculados diretamente aos aspectos divinizados e sobrenaturais, o reino do Ndongo (Angola) era dividido em vários sobados que, na prática, eram líderes independentes e com grande autonomia. Ao Ngola cabiam os poderes voltados ao campo do sagrado. Estes poderes são importantes em momentos de dificuldades relacionadas aos elementos da natureza humana e também espirituais.

Tomamos o conceito de poder do latim clássico “posse”, que corresponde a contração de potis esse, “ser capaz”; “autoridade”, onde o conceito exprime a força, persuasão, controle e a regulação. Assim, ter o poder equivale a “ter a faculdade ou o direito, de: poder determinar algo”; “dispor de força ou autoridade”; “direito de deliberar, agir ou mandar” (FERREIRA, 2001, p. 577) através do domínio de três técnicas independentes, mas interpenetradas a ponto de ser impossível os indivíduos se



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

livrarem das relações de poder. Por essas angulações concordamos com Foucault (1979, p. 182) para quem o poder reprime e produz efeitos de saber e verdade:

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações [...] captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam [...]. Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício.

Fundamentalmente o poder, segundo Bastos (1997, p.11) pode ser exercido de três formas: “econômico, político e ideológico”.

- a) Poder ideológico: exercido por quem tem a capacidade de criar ideias e ideologias e, com isso, influenciar os outros. Esse tipo de poder mantém toda uma estrutura social em pleno funcionamento, pois faz com que os sujeitados aceitem o poder contra eles investido.
- b) Poder político: poder oficial que controla o Estado e detém o direito de uso da força física contra os membros de uma comunidade política. O poder político é legítimo, desde que vise alcançar os fins de uma comunidade política.
- c) Poder econômico: exercido por quem tem posse dos bens materiais e do dinheiro. É essa forma de poder que faz com que as pessoas que não têm posse dos recursos mantenham certo comportamento e sujeitem-se a certos tipos de trabalho. É o poder econômico que mantém o funcionamento do sistema capitalista e que faz com que os trabalhadores se sujeitem ao poder do patrão.

Ancorados no pensamento deste autor, no contexto africano e sobretudo angolano, ao Ngola, caberia o exercício do poder ideológico e aos sobas se atribuíam o poder político e administrativo. Eram os sobas que gerenciavam a conduta social e garantiam uma certa flexibilidade nos próprios atos, conforme critérios de conveniência e oportunidade, a bem da administração pública, tanto no tempo colonial quanto na



constituição do Estado angolano, como sublinha Guedes et al., (2003, p. 79-80). Ou seja, o poder fosse exercido pelo soberano Ngola Kilwanji. Segundo Cadornega (1940, p. 592) era um rei dotado de “um espírito indomável”, de um “carácter muito consistente” e “um génio militar nato” que o levou à formação da Primeira Coligação dos Estados do Kwanza e vencer “o seu maior inimigo, Paulo Dias de Novais num ataque de um comando seu a 6 de Maio de 1589”.

Figura 3. Imagem do Rei do Bailundo (à esquerd.) e rei do Ndongo (à direit.)



Fonte: Nelson Costa, Agosto de 2018. Disponível em: https://www.angop.ao/noticias-o/?v_link=https://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2018/6/31/Feitos-dos-reis-Ndongo-devem-ser-cada-vez-mais-escritos,8f1a781a-eaf2-4e83-a047-6b1471e586fe.html

Mas, ele contava com a colaboração dos sobas, chefes locais que prestavam obediência e de quem recebia tributos e lhe juravam fidelidade embora por sua vez gozassem de uma considerável autonomia. Ou seja, trata-se de “uma interlocução muitas vezes levada a cabo por iniciativa deles mesmos, que entreveem agora uma nova maneira de, através deste, se legitimarem perante as suas populações”. Nas palavras de Carlos Feijó (2012, p. 32),

Esse poder impõe-se por si, pela sua própria génese histórica, pelo que o reconhecimento do poder local em Angola é fruto da ‘autodeterminação’ dos povos autóctones e uma necessidade político-social e cultural de um poder que representa essas comunidades



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mdiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

tradicionais [...] Trata-se, assim, do exercício de um poder com base nos princípios fundamentais da ancestralidade, ética, religiosidade e identidade cultural desse povo. [...] as autoridades tradicionais são vistas pelos membros das respectivas comunidades como entidades ‘místicas’, em contato com realidades divinas ou sobrenaturais.

No entendimento de Muafuani (2013, p. 117), as autoridades tradicionais são pessoas jurídicas anteriores ao Estado, de carácter costumeiro (tradicional), reconhecidas pelas instituições oficiais do Estado pelas funções específicas que desempenham no seio das respectivas comunidades. Sua gênese data do período pré-colonial, período em que possuíam autoridade sociopolítica perante suas comunidades. Com a colonização portuguesa, procurou-se enquadrá-las na “[...] estrutura colonial administrativa portuguesa: era o modelo da assimilação institucional” (FEIJÓ, 2012, p. 13). Ou seja, um modelo de cooptação, por meio do qual “[...] alguns chefes tradicionais foram acomodados pelo poder colonial, numa tentativa de os transformar em representantes locais das respectivas administrações estaduais” (FEIJÓ, 2012, p. 14). Portanto, antes e depois do período colonial eram os sobas que permitiam e, ainda hoje, permitem o fluxo do pragmatismo dialógico as autoridades (rei/colono) o Estado na sociedade angolana.



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mdiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

Figura 4. Imagem de Afonso Rodrigues ‘‘Sucumula’’, um dos sobas da província de Benguela.



Fonte: João Marcos, 19 Outubro de 2017. Disponível em <https://www.voportugues.com/a/autoridade-tradicional-reconhece-obediencia-mpla/4077836.html>.

Relendo o pensamento de Oliveira (1998, p. 37) apresentado em seu livro intitulado “Introdução à sociologia”, concluímos que seja o agrupamento dos indivíduos norteados pela busca de interesses comuns, seja a condição necessária para a sobrevivência não só da espécie humana, mas também dos campos e práticas sociais. Neste sentido, tanto as instituições quanto os indivíduos elaboram projetos, traçam metas aperfeiçoam os instrumentos e técnicas como forma de busca de reconhecimento nos espaços sociais. Nas sociedades em mediatização uma das ferramentas são as Mídias Sociais, definidas por Torres (2009, p.74), como aplicativos digitais (sites, páginas, blogs, redes sociais) construídos à base da tecnológica Web 2.0, que permitem a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações de diversos formatos.

Este compartilhamento de informação e conteúdo visa, ainda segundo o autor (2009, p.113) visam “a comunicação, relacionamento, e entretenimento” tanto de “pessoas para pessoas” quanto de instituição para instituição transformando “os indivíduos em produtores e consumidores ao mesmo tempo” das informações que colocam em circulação. São chamadas “social” porque são livres e abertas a interação



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

de todos. São “mídia”, porque suas lógicas e gramáticas, uma vez apropriadas e integradas nas práticas sociais, servem como meios de comunicação de informações e transmissão de conteúdos entre os indivíduos. Neste contexto, através da Internet e sobretudo das Redes Sociais os usuários integrados são atravessados pelas lógicas e linguagem sócio técnica e tecnológicas, onde, por meio das representações e sistemas de significações” produtores e consumidores estabelecem “uma cadeia associativa” (MALDAVSKY, 19977, p. 28) na resolução de problemas e conflitos sociais. É, na ótica desta cadeia associativa, que podemos interpretar o título desse artigo. Para tanto, sob a perspectiva sócio histórica e cultural midiática angolana estamos tomando o conceito de “soba” de forma simbólica e colaborativa, tomando como referências os autores Yin (1984) e Sodré (2002).

Historicamente com o fim do período de sucessivos conflitos armados (colonial, 1975 e civil, 2002), sem um rito de passagem adequado, o país transcende o mundo analógico e mergulha irreversivelmente no digital e na sociedade em midiatização que suscita, capacita e desperta os indivíduos algo que nos permite denominar como deslocamentos dos papéis sociais e de exercício do poder na sociedade angolana.

É, em meio a esses deslocamentos de papéis sociais e disputas no exercício de poder que inserimos o adolescente Ladilson. E, então, centrados no seu papel percebemos o protagonismo plurifuncional de cobertura total do evento contanto com os âncoras jornalísticos, Agel e Anderson seus amigos. Como evento jornalístico no vídeo os adolescentes retratam assuntos que atravessam todos os campos e práticas sociais. Enquanto jornalista repórter e apresentador vai capturando as cenas que compõem o cenário do vídeo em *selfie* dizendo: “*sejam bem-vindos ao primeiro canal “Daily Vlog” do “Proibido-Ver. Vim aqui apanhar o meu Puto Agel. Estamos na área. Temos uma gravação do só para saber do de graça de graça. Vim apanhar o Agel e o Anderson. Vamos fazer uma filmagem. Fiquem atentos”*”.

Usando metáforas, é possível perceber no discurso deste adolescente um certo protagonismo que remete aos papéis preponderantes, reguladores, e ou, orquestradores das questões de políticas públicas, econômicas e social, exercidos pelas autênticas



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

autoridades tradicionais e estatais, segundo Feijó (2012). No que concerne as autoridades tradicionais, para este autor, elas se configuram como entidades coletivas de substrato cultural. Traduzem-se em estruturas organizativas forjadas ao longo dos tempos, pré-estatais que emanam da realidade histórica, cultural, sociológica e antropológica típica de países africanos.

Portanto, revestidos de armaduras cultura sócio técnica tecnológica, quais autoridades tradicionais, os adolescentes transitam entre os campos e as diferentes práticas sociais. Ou seja, eles passam de jornalistas profissionais, para apresentadores e reportes de programas, vão se alternando as funções de atores, produtores, diretores e de prestadores de serviços de utilidade pública. E não só, mas também transitam entre as esferas de indivíduos influentes na política nacional e internacional, de analistas críticos e descritivos do sistema econômico e social angolano, de empresários e proprietários de agências de produção cinematográfica, de moradores de um bairro pobre, de um bairro de luxo. Ou seja, o protagonismo percebido nestes adolescentes induz-nos a pensar na configuração de novos areópagos e territórios de embates interacionais e na emergência de não só três BIOS apontados por Aristóteles, nomeadamente do conhecimento, do prazer e da política, mas também do quarto BIOS, o VIRTUAL (SODRÉ 2006, p.99), o de mediação da vida (GOMES 2004). Para estes autores o BIOS MÍDIÁTICO, mudou o modo de ser do homem no mundo, interferindo em todos os aspectos de seu cotidiano. E dando sequência eles são do parecer de que o BIOS MÍDIÁTICO talvez desemboque na transformação técnica do espaço-tempo, adequada às novas estruturas e configurações da vida social.

Porém, no contexto das marcas observadas no nosso objeto empírico parece que no contexto angolano, esta transformação não desvincula o sujeito das suas raízes antropológicas. Ademais, só podemos saber quem é o adolescente Adilson Manuel e compreender o seu papel de sujeito a partir do seu contexto sócio histórico e cultural: angolano, morador do bairro de Luanda, capital de Angola e o que ele faz circular nas suas páginas das redes sociais. Ancorados em Ferreira (2009) é justamente isso que chamamos de Mídia. Ou seja, estamos querendo propor um contraponto à noção



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

de circulação ou de feedback do sistema clássico e tradicional angolano de comunicação e de exercício de autoridade, uma vez que na circulação do poder cultural não há uma separação evidente entre produção e recepção. Pelo contrário, na esfera da mediação estes papéis são constantemente alternados e a produção é compartilhada: “*se vocês gostaram curtam e se inscrevam no meu canal*”.

Na fala deste adolescente podemos perceber um discurso de mão dupla e interacional entre as esferas de produção e de consumo simultaneamente. Ou seja, estamos perante a instituição de novas formas interacionais, entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. (FAUSTO NETO, 2010, p. 1). Isto significa, sob a perspectiva da circulação midiática, acreditar no surgimento de novas reconfigurações entre os agentes comunicacionais. Estas novas reconfigurações de agentes vão “além das relações diretas entre produtor e receptor”, porque como afirma Braga (2012, p.7) ela permite o fluxo-adiante que se relaciona com um outro, o contra-fluxo. Entendemos o contra-fluxo de Braga como um processo que produz diversas transformações nas disposições dos sujeitos e dispositivos midiáticos, em suas relações com as instituições e práticas nas disputas de poder e de espaço. Portanto, deduzimos que nos processos midiáticos os interagentes possam assumir diversas circulações – emissão/recepção, emissão/recepção/emissão e recepção/emissão/recepção – transformadas pela mediação das instituições e dos indivíduos. É aqui que Ferreira e Rosa (2011, p. 03) encontra a novidade da sociedade em mediação: a inexistência da centralidade na detenção do saber. O esquema tradicional da comunicação, emissores e receptores entra em colapso. Pois agora emissor e receptor participam ativamente do processo de produção e do consumo da informação.



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

Figura 5. Imagem de adolescentes usando a Internet em uma praça de Luanda.



Fonte: Valdemar Vieira Dias, 12 de Dezembro de 2018. Disponível em

<https://www.verangola.net/va/pt/122018/opiniao/13737/Um-olhar-sobre-o-uso-da-Internet-em-Angola>.

No contexto angolano os nossos indícios apontam para a inteligibilidade e autonomia comunicacional (SODRÉ, 2007) que vincula estes adolescentes as suas realidades sociais e as autoridades tradicionais, sim. Porém, mergulhados na ambiência midiática eles passam a não só expor, mas a representar e a significar o seu mundo. Isto equivale a dizer que eles passam a se expor, a dessubjetivar-se e a correr os riscos de perder-se no “outro”, contrariando o imperativo imunizante que os faz indivíduos isolados mediados por relações jurídicas tradicionais; implica abrir mão de si (sujeito) em função de um outro, não um outro sujeito individual, mas um outro impessoal e transcendente. Significa, sobretudo, desbravar um mundo novo, um novo modo de ser no mundo (GOMES, 2004) por meio dos processos comunicacionais, contextos sociais e dispositivos midiáticos que, complexificadamente permitem as múltiplas afeções dos mercados discursivos. Porém, sem a diluição de um no outro. Isto é na visão de Ferreira (2011). Já para Sodré (2007, p. 17), midiatização consistiria no “funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia”. Esta articulação interacional suscitaria a constituição de atmosferas estéticas, sensoriais, que viabiliza certo encaminhamento político cultural que, no contexto discursivo do nosso objeto



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

empírico estaria povoado pelos “multi-likes” investidos de poder e autoridade entre os conglomerados dos espaços virtuais na cultura midiática.

Portanto, epistemologicamente sustentados pelos aportes da Mídia e pelos Processos Sociais, inferimos que na sociedade angolana, interligados ou em interação com o mercado de bens simbólicos transnacionais = cultura midiática global, via rede de fluxos (CASTELLS, 1996; BRAGA, 2011), haja desconexões das culturas locais (FEATHERSTONE, 1995) entre os sujeitos. Estas desconexões nos levam a pensar em algo parecido ao que Harris e Moran (1996) ousaram de chamar de “choque cultural”. Em nosso entendimento, este choque cultural talvez provoque um rompimento com os laços e padrões da cultura tradicional, enquanto “conjunto de sistemas simbólicos, de códigos que, de uma forma ou de outra, regulam a conduta humana” (REIS, 1992, p. 66) e a construção de novas identidades culturais e reguladoras na sociedade angolana.

Porém, no contexto angolano, ressaltamos que este rompimento, não pode e nem deve ser interpretado como perda de raízes antropológicas, mas sim, como uma resignificação e deslocamentos dos papéis dos sujeitos falantes e dos seus lugares de fala, para espaços virtuais que designamos de novos areópagos, onde os atores sociais passam a disputar e a exercer tanto o poder quanto a autoridade. É isso que ousamos chamar de os novos sobas e os novos sobados no contexto da sociedade angolana em mídia.

Referências

BRAGA, J.L. Dispositivos Interacionais. Trabalho selecionado pelo GT Epistemologia da Comunicação. In: ENCONTRO DA COMPÓS, NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, XX, Porto Alegre, Anais. Porto Alegre, 2011. p.15.

_____, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). Mediação e mídia, Salvador:



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

EDUFBA, 2012; Brasília: COMPÓS, 2012a. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf>>

Acesso em novembro de 2019.

BOBBIO, N. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.

CADORNEGA, Antônio de Oliveira. História geral das guerras angolanas. Lisboa: Agência Geral das Colônias, tomo I, II e III, 1940.

CARVALHO, Flávia Maria de. Do fundamento ao avassalamento: ritos e cerimônias, alianças e conflitos entre portugueses e sobas do antigo Ndongo. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. São Paulo, julho 2011. Anais [...]. São Paulo, julho de 2011a. Disponível em: Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300678248_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2011-Doundamentoaoavassalamento.pdf. Data de acesso 20 setembro de 2020.

CASTELLS, M. Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade internacional. In: CASTELLS, M. et al. Novas perspectivas críticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 3-32.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2019. Disponível em Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_de_Angola). Data de acesso 16 de Dezembro de 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. As bordas da circulação... Revista ALCEU - v. 10 - n.20 jan./jun. 2010. p. 55-69.

FAUSTO NETO, Antonio. Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. Diálogos Possíveis (FSBA), v. 6, 2007.

FEATHERSTONE, M. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Nobel, 1995.



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

FERREIRA, Jairo. Espaço crítico no jornalismo para além da indústria. In: *Metamorfoses Jornalísticas II: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: Edunisc 2009.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FLORÊNCIO, F. et al (Org.), *Vozes do universo Rural: Reescrevendo o Estado em África*. Lisboa: Editora Gerpress e CEA. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GUEDES, Armando Marques et al. *Pluralismo e Legitimação: a edificação pós-colonial de Angola*. Coimbra: Almedina, 2003.

HARRIS, Philip R.; MORAN, Robert T. *Managing Cultural Differences*. Texas: Gulf Publishing Company, 1996. p. 402.

GOMES, Pedro Gilberto. *Tópicos da teoria da Comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE ANGOLA. *Lei da administração local do Estado Angolano, nº 17, 29 de Outubro, ANGOLA, 1999*.

LUHMAN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus, 2005.

MATA. In: AÇO, Samuel. *Experiência Histórica do Poder Local em Angola*. Comunicação apresentada na IV semana social Nacional: "Democracia e Participação. Angola. 2012. Disponível em:

[<http://googleescolar.com/media/users/7/399161/files/23110/](http://googleescolar.com/media/users/7/399161/files/23110/)

[Poder_local_Angoladoc.docx](#)>. Acesso em: 12 dezembro. 2019.

MATA, Maria Cristina. *De la cultura masiva a la cultura midiática*. Diálogos de la comunicaci3n, Lima: Felafacs, n.56, 1999.

MIOTO, R.C.T. *Família e Serviço Social contribuições para o debate* In: *Revista Serviço Social e Sociedade*. Ano XVIII, n. 55, Cortes, São Paulo, 1997, p 114-130.

MUAFUANI, Francisco Alberto. *Os Desafios da Administração Pública*. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto*, [S.l.], n. 1, out. 2013.



Anais de Artigos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

-
- OLIVEIRA, Pécio Santos de. *Introdução à Sociologia*, São Paulo: Editora Ática, 1998.
- REIS, Michele. *Theorizing Diaspora: Perspectives on “Classical” and “Contemporary” Diaspora*. *International Migration*, Oxford, Main Street Malden, v. 42 (2). Blackwell, 2004. p. 41-54.
- PIERSON, Donald. *Estudos de organização social – Tomo II: leituras de sociologia e antropologia social*. São Paulo: Martins. 1970.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Experiência, modernidade e campo dos media*. Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação. Portugal, 1999. In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf>. Data de acesso em 12 de julho de 2018.
- ROSA, Ana Paula da; FERREIRA, Jairo. *Mídia e poder: a construção das imagens na circulação intermediária*. IN: TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa (org). *Mídia, Cidadania & Poder*. Goiania: FACOMB/FUNAPE, 2011. p. 19-38.
- SILVA, Carlos Alberto Bravo Burity da. *O Costume como Fonte de Direito na Ordem Jurídica Plural Angolana*. *ReDiLP - Revista do Direito de Língua Portuguesa*, [S.l.], n. 5, jan.-jun., p. 7-64, 2015.
- SODRÉ, M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. *Sobre a episteme comunicacional*. *Revista Matrizes*, v. 1, n. 1, p. 15-26, 2007.
- TORRES, Cláudio. *A Bíblia do marketing digital: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar*. São Paulo: Novatec Editora, 2009.
- YIN, Robert K. *Case Study Research: Design and Methods*. SAGE Publ. Inc. USA, 1984. p. 151.